Russo, Letizia

(1980)



Letizia Russo inicia a sua atividade de dramaturga aos dezassete anos com o texto *Dialogo fra Pulcinella e Gesù* (vencedor do concurso Grizane Cavour-Grizanescritura, que dará origem, em 2000, a Niente e Nessuno). Mas é com *Tomba di Cani*, peça que lhe valeria, em 2001, o prémio Tondelli, e em 2003, o prémio Ubu de revelação do ano, que a dramaturga italiana atinge o reconhecimento da crítica nacional. Em 2002, escreve *Asfissia*, peça encomendada pelo «Festival di Candoni-Arta Terme», e um conjunto de peças radiofónicas (*I Conigli Sulla Luna*, *Lo Spirito Nell'acqua*, *La Via Del Maré*, *Qoèlet*, *Kilmainam Gaol*) transmitidas pela RAI13. A passagem pelo Royal Court Theatre de Londres, em 2002, onde participou na «International Residency» organizada por este teatro, e a escrita de *Binário Morto* (2004), encomenda do Festival NT Connections do National Theatre constituiram dois momentos decisivos para a sua projeção internacional. Seguir-se-iam *Babel* (2004) com estreia no Teatro dei Rinnovati de Nápoles, *Primo Amore* (2005), com estreia no Festival Garofano Verde, em Roma, ambos encenados por Paolo Zuccari, e *Edeyen* (2005) apresentado no festival de Ortiga (Siracusa, Sicília), numa encenação de Fausto Russo Alesi.

A obra de Letizia Russo chega pela primeira vez aos palcos portugueses em Julho de 2004, durante o Festival de Almada, onde a companhia Artistas Unidos apresentou leituras encenadas de *Binário Morto* (Fim de Linha), e de excertos de *Tomba di Cani* (Túmulo de Cães), ambas com tradução de Pedro Marques. Entre 2004 e 2005, Letizia Russo é escritora residente nos Artistas Unidos, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Desta experiência viriam a resultar dois textos: *Poesia sem título* (2005), texto curto incluído no espectáculo *Conferência de Imprensa e Outras Aldrabices* – espetáculo de homenagem a Harold Pinter – e *Os Animais Domésticos* (que começou por se chamar *Gente de Lisboa* e se apresenta como um fresco sobre Lisboa, com histórias e cerca de vinte personagens que se cruzam e entrelaçam), ambos encenados por Jorge Silva Melo e estreados no Teatro Nacional D. Maria II, em 2005. Durante este período, Letizia Russo dedicou-se também à tradução para

português de textos curtos de autores italianos contemporâneos (*A Coxa vai parir mas o bebé quer lá saber de nascer* de António Tarantino, *A Terra vista do mar* de Davide Enia e *O Envelope* de Spiro Scimone), todos incluídos no espetáculo *Conferência de Imprensa e Outras Aldrabices* e publicados na colecção Livrinhos de Teatro (Artistas Unidos / Livros Cotovia, 2005).

Recentemente, o projeto PANOS – palcos novos novas palavras, da Culturgest que, à semelhança do programa Connections do National Theatre de Londres, procura juntar a nova dramaturgia e o teatro escolar /juvenil, incluía, na sua terceira edição (Maio de 2008) o texto *Fim de Linha* da dramaturga italiana, publicado num volume que inclui ainda textos do britânico Dennis Kelly e das portuguesas Patrícia Portela e Luísa Costa Gomes (Culturgest, 2008).

Passagens

Portugal, Inglaterra, Itália.

Citações

CÃO 2
Por estas lágrimas que me caem. Pelo menos podemos ficar a saber que a fêmea era eu. Que chorar não é coisa de cães. Coisa de cães machos. Estás a ver. Estás a ver que se calhar era melhor termos ficado por cá. A apanhar pontapés e restos de comida. Ou talvez não. Talvez fosse pior, não sei. Não sei qual de nós está pior agora. Talvez tenhas só saído a correr à frente e te encontre quando chegar ao rio. Nos olhos de alguma rã no salto de algum peixe. Era eu a fêmea. Era eu o macho. Por estas lágrimas que me caem só consigo dizer que nem a outra metade de mim me mataram. Fazia-me falta um pouco. Um pouco daquela água preta agora. Foi pena tê-la bebido toda. Dava-me jeito para correr mais depressa. Para chegar

primeiro ao rio. Procurar-te nos olhos de alguma rã no salto de algum peixe. Ou talvez me atire também para baixo de uma destas coisas que andam tão depressa e vá ter contigo já. Mas não. Bem sabes. Vou seguir devagar. De cabeça baixa. Chegarei ao rio já noite cerrada.

(*Os Animais Domésticos, Túmulos de Cães*: 96)

já não nos voltamos a ver
disse-lhes eu, às minhas coisas
calha sempre a alguém
calha sempre a alguém ter de partir
desgraçadas que sois
eu agora vou-me embora
e de mim fica o meu avesso
a poeira
em cima que vos cai em cima
que cresce como o cabelo
e então ides perceber
o tempo que passou.

(*Poesia sem título*: 118)

Bibliografia Ativa Selecionada

RUSSO, Letizia (2004), *Babel*, tradução de Pedro Marques, in *Artistas Unidos Revista*, nº 11, Julho, Lisboa, Artistas Unidos / Livros Cotovia, pp. 124-141.
—- (2005a), *Os Animais Domésticos, Túmulo de Cães*, traduções de Jorge Silva Melo, José Lima, Pedro Marques, Livrinhos de Teatro, nº 10, Lisboa, Artistas Unidos /Livros Cotovia.
—- (2005b), *Poesia sem título*, tradução de Jorge Silva Melo, in AA.VV, *Conferência de*

*Imprensa e Outras Aldrabices*, Livrinhos de Teatro, número especial, Lisboa, Artistas Unidos / Livros Cotovia, pp. 116-122.
—- (2008), *Fim de Linha*, tradução de Pedro Marques, in AA.VV, *PANOS, Palcos novos palavras novas*, Lisboa, Culturgest.

Bibliografia Crítica Selecionada

CAETANO, Maria João (2005), “Os Animais Domésticos somos nós”, *Diário de Notícias*, suplemento “Artes”, 22 de Setembro.
FRATUS, Tiziano (2005), “Cinco actos de um teatro da matéria e da morte por Letizia Russo”, in *Artistas Unidos Revista*, nº 14, Novembro, pp. 2-10.
—- (2004c), “A língua que queima – novas dialécticas teatrais na dramaturgia contemporânea italiana”, in *Artistas Unidos Revista*, nº 11, Julho, pp. 142-144.
FRAZÃO, Francisco (2008), “Introdução”, in AA.VV, *PANOS, Palcos novos palavras novas*, Lisboa, Culturgest, pp. 9-13.
QUADRI, Franco (2004), “A dramaturgia em Itália e a língua”, in *Artistas Unidos Revista*, nº 11, Julho, pp. 2-7.
SILVA MELO, Jorge (2005), “Em carne viva, Os Animais Domésticos – A cicatriz do meu lado”, in *Artistas Unidos Revista*, nº 14, Novembro, pp. 12-27.

**Alexandra Moreira da Silva (2011/11/14)**